

Rédeas de Gelatina

Antonio Lazarini

O cavalo deve ter sido um dos primeiros animais a ser domesticado pelo homem, para ajudá-lo em suas tarefas diárias. Remonta a tempos imemoriais a figura do homem montado em seu cavalo. E isto aconteceu em vários continentes, quase que ao mesmo tempo.

Mas, não deve ter sido tarefa fácil para estes precursores da equitação dominar animal tão grande e tão forte. Certamente muitas quedas e acidentes devem ter ocorrido ao longo deste embate histórico entre dominante e dominado.

O resultado é que o homem venceu e domina o cavalo há muito tempo. Para isto desenvolveu vários acessórios para tornar esta tarefa mais fácil. Inventou a sela, o chicote, o freio, dentre outros. Este último, para quem não sabe, trata-se de uma peça de metal que é colocada dentro da boca do cavalo, e que possui uma reentrância que castiga o animal quando é puxada, de maneira a guiá-lo. Este acessório conta com duas peças muito importantes: as rédeas. Cada rédea tem uma ponta presa em um lado do freio. A outra ponta está na mão do cavaleiro.



Desta forma, o cavaleiro conduz o seu cavalo por meio das rédeas. Se quiser virar à direita, ou à esquerda, basta puxar a respectiva rédea. Se quiser parar o cavalo, deve puxar ambas, simultaneamente. Como pode ser visto, as rédeas é que transmitem ao cavalo as ordens do cavaleiro, isto é, de quem comanda para quem é comandado.

Ao longo do tempo, aprendemos que para conduzir, comandar, algum outro animal, seja ele qual for, necessitamos de rédeas. Claro que quanto mais forte for a rédea, mais certeza teremos de que as ordens do comandante chegarão ao comandado. Basta puxar com força e o comandado obedece. E esta idéia chegou até os locais onde homens comandam homens. E estes acham que têm rédeas fortes para comandar seus semelhantes.

É sabido por todos que quando comandamos algum grupo de pessoas, as rédeas físicas não existem. Neste caso, as rédeas são apenas metafóricas. Significa dizer que comandamos pessoas com rédeas invisíveis, muito frágeis, diferentes daquelas com que comandamos os cavalos e outros animais. Mesmo assim, achamos que temos em nossas mãos as mesmas rédeas que tem o cavaleiro.

Agora, imaginemos o cavaleiro guiando seu cavalo, não com rédeas fortes, mas com rédeas muito fracas, de gelatina, por exemplo. Será que ele poderá virar o cavalo, para um lado ou para outro, ou mesmo pará-lo dando puxões na rédea? Será que a rédea agüentará e transmitirá o desejo do cavaleiro ao cavalo? O cavalo obedecerá?

Quando guiamos grupos de pessoas, a realidade nos diz que temos de usar rédeas de gelatina, isto é, nunca teremos rédeas fortes em nossas mãos. E é bom que não tenhamos. Afinal, pessoas não são cavalos e não podem ser tratadas como tal. É fundamental que quem as conduz, seja chefe, pai, ou qualquer outro líder, saiba que com pessoas a condução tem de ser diferente. E qual seria o tipo de rédea para conduzir pessoas?

Bom, não deve haver uma resposta única para esta pergunta. Mas, certamente, para este caso, as rédeas devem ser mais parecidas com as de gelatina do que com as de outro material.

Melhor seria usarmos como rédeas uma conexão entre a inteligência do comandante e a inteligência dos comandados. Ou melhor dizendo, inteligência de orientador e de orientados. É muito importante, na condução de pessoas, que estas saibam para onde se quer ir, como se quer ir, quando se quer ir e assim por diante. Sabendo claramente quais são os objetivos, quais são as condições de contorno, isto é, quais são as diretrizes, basta “largar as rédeas” que estas irão sozinhas. Afinal, as pessoas querem acertar. Ninguém sai de casa para ser um insucesso!

O comandante deve se preocupar em comunicar adequadamente estas diretrizes e condições de contorno à sua equipe, muni-la de todas as informações necessárias, capacitá-la e, depois, verificar os resultados. Estes resultados devem realimentar a equipe em forma de novas informações. Isto forma um círculo virtuoso que fortalece o grupo e o torna cada vez mais autônomo e competente. Cada vez mais as “rédeas” se tornam desnecessárias.

Caso não tenhamos este entendimento e achemos que as equipes devem ser comandadas com “rédea firme”, saibamos que as rédeas que, no máximo dispomos são de gelatina, isto é, no primeiro puxão se arreventam. “Rédeas firmes” não existem. E o que é pior, achamos que estamos no controle e não percebemos que nossa conexão com o grupo se rompeu. Aí culpamos o grupo.



Guardadas as devidas proporções, esta analogia pode ser verificada diariamente nas empresas e nas famílias, onde chefes e pais acham que estão no controle de seus comandados e familiares. Pensam que tem “as rédeas nas mãos”, mas se enganam. Quando se dão conta percebem que sua equipe não passa de um amontoado de pessoas descoordenadas e que produzem pouco resultado aproveitável. Na família, produzem filhos recalçados e despreparados para a vida.

A saída está em dar a cada pessoa, que de uma maneira ou outra comandamos, um tratamento muito diferente daquele dado pelo cavaleiro ao cavalo. Afinal, pessoas não são cavalos e, neste caso, o cavaleiro não tem mais que rédeas de gelatina em suas mãos. É só puxar forte e ver o que acontece.

Fonte: <http://exame.abril.com.br/rede-de-blogs/gestao-de-gente/2011/12/06/redeas-de-gelatina/>